

Como podem as pequenas Unidades de Infantaria (G.C., Pel. Sec. Mtr.) defender-se contra os engenhos blindados - Processos

1.º Tenente C. MEIRA MATTOS

I — CONSIDERAÇÕES GERAIS

Na guerra moderna é comum o emprego do engenho blindado (tambem chamado carro de combate e tanque) como arma ofensiva por excelência.

O escalão de ataque dos exércitos modernos vem sempre precedido ou junto aos carros de combate, que lhes apoiam o movimento. Sua irrupção é frequente no campo de batalha. Esses engenhos operam por surpresa. Normalmente não agem à noite; temem os lugares habitados e as cobertas em condições de abrigar os anti-carros. Os terrenos livres e ondulados lhes são favoráveis.

O carro de combate, protegido pela blindagem e equipado com um armamento poderoso, consegue muitas vezes, penetrar a fundo na posição defensiva inimiga, desarticulando pela manobra e pelo fogo os seus dispositivos de defesa, criando brechas no seu sistema de fogos e de obstáculos, abrindo, assim, caminho para a infantaria que vem atrás.

A *defesa anti-carro* compete, em princípio, à artilharia e às armas anti-carros de Btl. e R.I., material esse de emprego eficaz contra veículos mesmo fortemetne encouraçados, at 1.000 m, e encarregado de estabelecer na frente da posição de resistência uma *barragem anti-carros*, que conjugada ao emprego de obstáculos e minas, *deve deter a progressão dos carros inimigos*.

Entretanto, haverá sempre carros que *escaparão à ação da baragem anti-carro* e se aproximarão audaciosamente das linhas ocupadas pela nossa infantaria.

Vamos estudar aqui, *como devem reagir essas frações de infantaria, desprovidas de armas especiais anti-carro, ameaçadas de perto, talvez à queima-roupa, pelos carros inimigos.*

II — CONDUTA DAS FRAÇÕES DE INFANTARIA NA DEFESA ANTI-CARRO

Todas as armas de infantaria, especializadas ou não, devem tomar parte na defesa contra engenhos blindados.

A nossa infantaria *não pode assistir passivamente à ação destruidora dos carros de combate inimigos, que, aproximando-se ameaçadoramente dos nossos pontos de apoio de Pel. e postos de combate de G.C. e Sec. Mtr.,* procurarão fazer calar as nossas armas.

Todo cmt. de fração de infantaria *deve sempre preparar, em qualquer situação defensiva ou parada eventual do combate ofensivo, a sua defesa anti-carro passiva e ativa.*

a) Defesa passiva.

Será proporcionada por trabalhos de organização do terreno: fossos, taludes, barricadas e abatizes, capazes de imobilizar o carro ou dificultar-lhe o acesso, obrigando-o a mudar de itinerário, canalizando assim o ataque para uma zona onde a barragem anti-carro seja poderosa e eficiente.

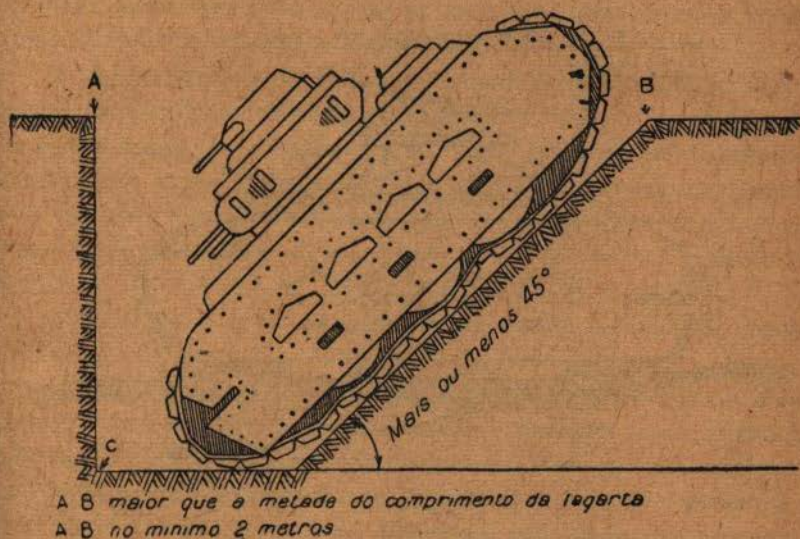
Os cursos d'água são vadeáveis por carros comuns, até a profundidade de 90 cm.

Os cortes e fossos são transpostos desde que a abertura da boca seja inferior a 1/2 da projeção horizontal da lagarta do carro. (Vide fig. 1).

A *dissimulação perfeita* das posições de tiro deve constituir preocupação permanente dos comandantes dessas frações. Não se deve esquecer que *uma posição bem dissimulada, dificilmente será identificada* pela guarnição do carro, cujo campo de tiro já sofre certas restrições, impostas pelas dimensões limitadas das seteiras de visadas e pelo movimento do carro em terreno acidentado.

O carro é ordinariamente miope, vê pouco; ao contrário, é muito visível e ruidoso.

Abaixo daremos, a título de exemplo, alguns perfis com as dimensões, das obras de organização de terreno capazes de imobilizar um carro (fig. 1).



b) Defesa ativa.

Os nossos G.C., Pel. e Sec. Mtr. não possuem armamento capaz de destruir um carro. Não vamos, então, pensar em destruí-lo e *sim em imobilizá-lo. Um carro imobilizado está fora de combate.*

As guerras da Espanha, da China e a atual campanha na Rússia, estão ricas de ensinamentos de como *uma infantaria aguerrida e valente, mesmo sem armas especiais anti-carro, pode imobilizar um carro.*

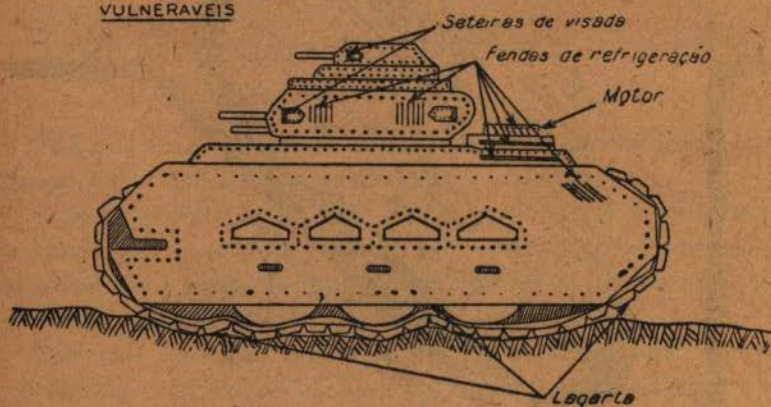
Todo carro tem suas partes fracas, as suas partes vulneráveis. Estas são:

- as seteiras de visadas;
- os depósitos de gasolina;
- os trens de rolamento (lagartas). (Fig. 2).

Por melhor encouraçamento que possua o carro de combate, *a seteira de visada sempre é uma parte vulnerável* para as armas do infante (fuzil ordinário, fuzil-metralhador, metralhadora, lança-chama e, às vezes, granada e pistola), pois ela possui fendas para permitir ao moto-

rista e atirador dirigirem o carro e o tiro das suas armas. Será justamente *através dessa fendas*, que iremos procurar atingir, com o fogo das nossas armas, a guarnição do carro.

CARROS DE COMBATES COM OS NOMES DAS PARTES VULNERAVEIS



A partir de 200 m os G.C. (F.M. e F.O.) devem iniciar o tiro sobre a seteira dos carros e sobre os depósitos de gasolina, quando localizados. Este tiro, quando executado com *serenidade e justeza*, oferece resultados compensadores. As metralhadoras nas mesmas condições, devem iniciar o tiro a 600 m. Estas distâncias devem ser *religiosamente respeitadas*, se se desejar *efeito util*.

— *Grupamentos de abordagem.*

Convem que todas as frações selecionem alguns homens, *dotados de grande energia e coragem*, para, em certos casos, *ficarem dissimulados* em abrigos e cobertas na frente ou no interior da posição, afim de abordarem de surpresa os carros, na sua passagem. Estes homens poderão ser organizados em *agrupamentos de abordagem* de dois a três, disseminados no terreno, comandados por um cabo ou um soldado enérgico. A sua ação está subordinada ao seguinte: *todo carro tem nas suas proximidades um espaço em ângulo morto* (vide fig. 3). Estes homens ficarão ocultos, até que o carro tenha se aproximado a uma distância tal, que eles se achem *dentro da zona em ângulo morto*, quando aban-

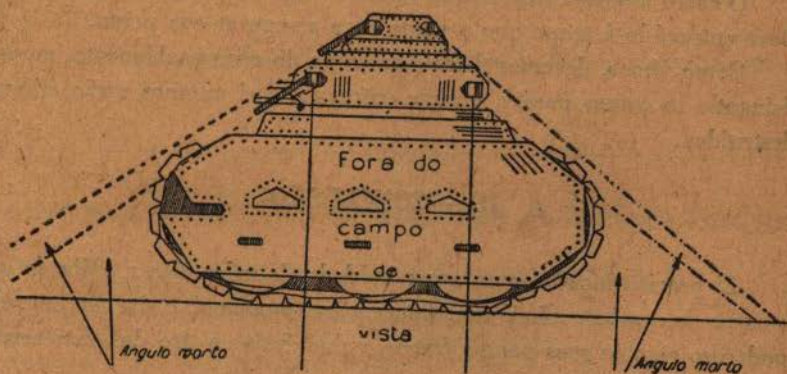
donarão os seus abrigos e *abordarão os carros de surpresa*, atacando-os por um dos processos que vão abaixo:

1) *Tiro das armas* (F.O., F.M., Mtr. de mão ou pistola), a curta distância, na seteira do carro, procurando atingir a guarnição; quando for localizado o depósito de gasolina do carro, este deverá também ser alvejado, de preferência na sua parte mais baixa, procurando-se em seguida, sempre que possível, o seu incêndio;

2) lançando *granadas de mão na largata do carro*. São utilizadas também cargas concentradas de granadas, constituídas por uma granada de mão completa (com espoleta), em torno da qual são amarradas cinco ou seis outras granadas sem espoleta. O arrebentamento da granada completa provoca o arrebentamento das demais, produzindo-se um efeito concentrado muito eficaz, quando a explosão se dá na largata do carro;

3) utilizando *petardos*, os quais se procurarão encaixar na largata do carro;

4) lançando *garrafas com gasolina sobre o carro*. A gasolina penetra no motor pelas fendas de refrigeração e qualquer faísca produzida pelo motor ocasionará o incêndio do mesmo. Pode-se, também, lançar ao mesmo tempo que a gasolina, uma granada de mão, que garantirá o incêndio. Este incêndio pode ser alimentado com novos jactos de gasolina, obrigando a guarnição a abandonar o carro;



5) introduzindo *barras delgadas de ferro ou aço* em certas partes da largata, o que ocasionará a sua imobilização;

6) trepando no carro, por um dos lados *que esteja fora da ação das suas armas*, procurarão destruir estas armas por meio de pancadas fortes, com uma barra de aço *no cano* ou introduzindo um *petardo na boca da arma*.

Estes processos poderão ser empregados cada um isoladamente ou combinados, dependendo das disposições e energia dos atacantes e dos meios que possuírem.

Toda vez que se abordar um carro, a curta distância, ficará um dos homens do grupamento de abordagem, se possível, com uma arma automática, pronto a desencadear instantaneamente o tiro da sua arma contra a guarnição do carro, caso esta tente abandoná-lo.

Estes processos de abordagem *apresentam um resultado muito eficiente contra carros empregados isoladamente*, porém seus resultados são quasi nulos, quando a infantaria inimiga acompanha os carros, pois esta impedirá a abordagem dos mesmos.

Os grupamentos de abordagem, depois de algum tempo de *tirocinio de guerra*, adquirirão conhecimentos úteis de uma série de *minúcias* sobre as *fraquezas e incapacidades* deste ou daquele tipo de carro de combate, das quais tirarão partido para a segurança e êxito da sua ação.

Quando os carros de combate inimigos atacam acompanhados de uma vaga de infantaria, não devem as armas não especializadas para o tiro anti-carro, atirar contra os mesmos, *senão depois de conseguirem deter a infantaria que os acompanha*.

O carro *não tem capacidade de conservação de terreno conquistado*. Deve entregá-lo à tropa que o segue para assegurar sua posse.

Como vimos, devemos deter essa tropa de acompanhamento, mesmo deixando os carros passar, porque entregues a si mesmos serão adiante destruídos.

III — CONCLUSÃO

E' preciso inculir-se no nosso soldado de infantaria a idéia de que *o carro de combate não é um fantasma inexpugnável*, e sim um engenho poderoso com os *seus pontos fracos*, vulneráveis ao tiro das suas armas.

Se conseguirmos criar no nosso infante *a confiança no poder das suas armas*, obteremos dele a serenidade e coragem necessárias para, *sem idéia de recuo*, esperar na posição de tiro a aproximação do carro

de combate inimigo, e, à distância útil, atirar *com calma e justeza*. Não se deve precipitar o tiro. Não se admite que uma infantaria ardorosa e valente *abandone as suas posições de tiro*, pela aproximação de carros inimigos. Não deve haver pânico pela presença do carro. Seus tiros em marcha só terão efeito de neutralização, sem valor real, de 400 a 800 m a quem desta última distância inicia o fogo dos canhões (37 ou 47).

O infante deve estar convencido de que, mesmo que o carro de combate inimigo consiga ultrapassar as suas posições, *ele não as abandonará*, pois incumbe-lhe agora deter a *infantaria que vem atrás do carro* e, se ele o fizer, *cumpriu a sua missão*, porque aos nossos grupamentos de abordagem ficarão entregues os carros, que isolados da sua infantaria, nada poderão fazer.

Fontes de consulta:

- “Instruction sur l'emploi des Chars de Combat”.
- “Um ano de Observação no Extremo Oriente”, do Ten.-Cel. Lima Figueiredo.
- “A Guerra da Espanha”, do Gen. Durval.
- “Infantry Journal”, de abril de 1941.
- “O Exército Alemão”, do Major Von Zescka.
- Tradução do Regulamento de Serviço em Campanha do Exército Russo.
- “Curso de Oficiais” — Conferências do Major Durval Coelho no C.I.M.M., 1940.

Livros à venda na Biblioteca de A Defesa Nacional

Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães	Cr\$ 3,00
Indicador Alfabético — Odon Antonio da Cunha Braga..	Cr\$ 2,00
Indicador Paranhos até 1935 — Eurico Paranhos	Cr\$ 13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas — Trad. J. J. Gomes da Silva	Cr\$ 5,00
Instrução na Cavalaria — Maj. João de Deus Mena Barreto	Cr\$ 11,00
Instrução na Cavalaria — Maj José Horacio Garcia	Cr\$ 5,00
Instrução de Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves	Cr\$ 9,00